



Artigos/Articles

A construção das identidades indisciplinadas/indisciplinadas de um linguista aplicado: uma reflexão autoetnográfica

The construction of indisciplinatory/undisciplined identities of an applied linguist: an autoethnographic reflection

Rogério Tilio¹

RESUMO

Considerando a minha própria história de vida como linguista aplicado, esse artigo retoma como o tema das “identidades” adentrou e passou a fazer parte da minha vida profissional e acadêmica. Ainda antes de entrar para o mestrado, ministrando uma aula de inglês como língua estrangeira apoiada em um livro didático global, um texto me incomodou e despertou em mim reflexões ainda não embasadas teoricamente. O texto em questão foi o início da minha história como linguista aplicado e do meu interesse teórico por identidades, especialmente as indisciplinadas. Neste artigo, sistematizo algumas reflexões sobre o conceito de identidade que vêm me orientando ao longo dos últimos anos. Ao final, apresento uma proposta de como eu mesmo, 20 anos depois, abordo a questão das identidades em um livro didático para o ensino de inglês de minha autoria.

Palavras-Chave: identidades, indisciplinaridade, livro didático, ensino de inglês.

ABSTRACT

Considering my own life story as an applied linguist, this article reviews how the theme "identities" entered and became part of my professional and academic life. Even before entering the master's course, while teaching an English as a foreign language class with the support of a global coursebook, a text bothered me and triggered in me reflections not yet theoretically grounded at the moment. The text in question was the beginning of my history as an applied linguist and of my

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3635-9395> Email: rogeriotilio@letras.ufrj.br

theoretical interest in identities, especially the interdisciplinary ones. In this article, I systematize some reflections on the concept of identity that have been guiding my research over the last few years. In the end, I present a proposal of how I myself, 20 years later, approach the question of identities in an English teaching coursebook of my own.

| **Keywords:** *identities, interdisciplinary, coursebook, English teaching.*

1. Primeiras palavras

Sou linguista aplicado. Poderia me identificar profissionalmente de diversas formas: professor de inglês, professor de Letras, formador de professores, e até economista, já que possuo um diploma de bacharel em Ciências Econômicas – mas me reconheço e me identifico como linguista aplicado. E um linguista aplicado indisciplinar – talvez até indisciplinado. Acho que sempre fui, mesmo antes de saber o que é Linguística Aplicada e de Luiz Paulo da Moita Lopes ter utilizado o termo “indisciplinar” para designar um tipo de Linguística Aplicada (Moita Lopes, 2006).

Ao me graduar em Economia, já sabia que não exerceria a profissão. No ano seguinte à minha graduação, cursei uma licenciatura curta e comecei a atuar, paralelamente, como professor de inglês. Três anos depois, uma coordenadora do curso onde eu trabalhava me deu um “conselho de amiga”: se eu pretendia seguir como professor de inglês, eu precisava me especializar. Entendi o recado como mais do que um conselho, pois vinha de uma pessoa em uma posição hierárquica superior à minha no organograma do curso. Como sempre gostei de estudar, fazer uma especialização não seria nenhum problema; na verdade, seria algo que aconteceria naturalmente, mais cedo ou mais tarde. O conselho só contribuiu para eu tomar logo a decisão.

Comecei a especialização e tomei gosto pelo voltar a estudar. Uma das professoras, Branca Falabella, falava apaixonadamente do curso de mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no qual ela havia se titulado. Candidatei-me ao curso e fui aprovado. Nele conheci o professor Luiz Paulo da Moita Lopes, a quem tive o privilégio de ter como orientador. Na época, Luiz Paulo começava a dar cursos e orientar dissertações sobre o tema “identidade”. Minha identificação com o tema foi imediata, pois mesmo antes de saber que um professor de inglês poderia estudar sobre identidade em um curso de Linguística Aplicada, a questão já me era cara.

Anos antes, antes mesmo de iniciar o curso de especialização, dava aulas com um livro didático do qual gostava muito (aliás, fui eu quem sugeri à coordenação a sua adoção). No entanto, um texto em específico nesse livro me incomodou muito. Costumo dizer que foi esse texto o responsável por meu percurso no campo das identidades (indisciplinares) e do letramento crítico –

ainda que sem conhecimento da terminologia ou de qualquer fundamentação teórica sobre esses conceitos – especialmente em livros didáticos.

O texto se intitulava “*The happiest person in Britain*” (“A pessoa mais feliz da Grã-Bretanha”), reproduzido na Figura 1, a seguir, e ficava em uma unidade cujo título era “*Happiness*” (“Felicidade”). Ou seja, aparentemente, seu objetivo era discutir a ideia de felicidade. O que me incomodou foi a forma como o texto abordava a ideia de felicidade. O livro utiliza um personagem, John Smith, para personificar um britânico médio, modelo de felicidade: homem, relativamente jovem, casado, com filhos, profissional liberal, com boa condição financeira, e morador de uma região nobre. Vale ressaltar que John e Smith são, respectivamente, um nome e um sobrenome bem triviais na língua inglesa; equivalentes a João da Silva no Brasil. Ou seja, o livro retrata a suposta pessoa mais feliz da Grã-Bretanha como uma pessoa média. Ao trazer a imagem de um britânico médio como modelo de felicidade, o livro veicula como pressuposto a ideia de que qualquer britânico médio é feliz. No entanto, não existe uma identidade única do que seja ser britânico, e dizer que todo britânico médio é feliz parece indicar uma suposta superioridade britânica em termos de qualidade de vida (afinal, o povo inteiro é feliz!). Considerando-se que o livro é internacional, pareceu-me um deboche com outros povos, pois o John Smith pessoa mais feliz da Grã-Bretanha é bem diferente do seu equivalente brasileiro, o “João da Silva” médio.

O texto atrela a ideia de felicidade a duas condições principais: o poderio econômico neoliberal e o modelo tradicional de família patriarcal. *Mr. Happy* (senhor Felicidade), o cidadão médio britânico, é um profissional liberal, que possui um emprego estável em um escritório na capital e ganha muito bem. Possui uma casa grande e confortável em uma área nobre, gasta em média 120 libras por semana, sai todo fim de semana e viaja para o exterior mais de uma vez ao ano. *Mr. Happy* é um homem heterossexual, casado (com mulher), e tem dois filhos. Ele é o homem provedor, o chefe da família; “(s)ua esposa é feliz também, mas não tão feliz. Ela cuida da casa e tem um emprego, mas não ganha tão bem quanto o marido”.

O texto trata as identidades de forma essencializada, enaltecendo o patriarcado, posicionando o homem como superior à mulher, trazendo implícita a heterossexualidade compulsória, homogeneizando uma cultura britânica etnocêntrica, e difundindo valores neoliberais de sucesso atrelado à prosperidade econômica. Como o texto se propõe a descrever o modelo de “ser feliz”, ele alija qualquer um que não compartilhe de tais identidades da oportunidade de ser feliz.

Figura 1: The happiest person in Britain

3 T.10 Read and listen to the text.

The happiest person in Britain

The happiest person in Britain today is a professional married man between the ages of 35 and 54. He *lives* in the south of England but not in London. He *owns* a comfortable, detached house and *has* two children.

What does he do?

He *has* a steady job in an office in London. After a hard day at work, he *relaxes* in front of the television or *watches* a video. He *doesn't go out* every evening, but two evenings a week he *meets* friends for a drink in the local pub. He *owns* a pet, usually a dog, and *takes* it for a walk every day after work. He *spends* on average £120 per week.

Where does he go?

At the weekend, he regularly *eats* in restaurants, *goes* to see shows, and *plays* a sport (usually golf). Most weekends he *puts* on a pair of old blue jeans, and *potters* in the garden. He usually *goes* on holiday abroad more than once a year.

What does his wife do?

His wife is happy, too, but not quite as happy. She *runs* the home and *has* a job, but she *doesn't earn* as much as her husband.

● Grammar questions

- What tense are all the verbs in *italics*? Why?
- Why do the verbs in the text end in -s?
- Which auxiliary verb is used to form questions and negatives in the Present Simple?

PRACTICE

Speaking

1 Ask and answer questions about John Smith.

Example
... married?

Is he married?

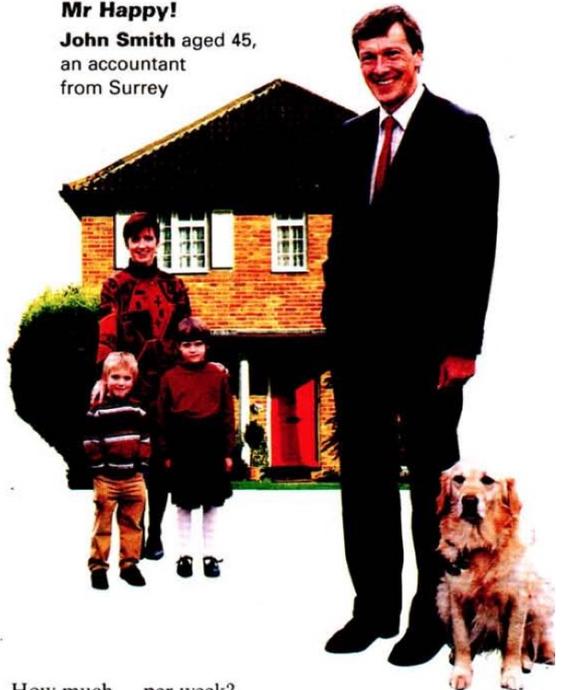
Yes, he is.

- a Where ... live?
- b What ... do?
- c How many children ...?
- d How ... relax after work?

16 Unit 2 Happiness!

Mr Happy!

John Smith aged 45,
an accountant
from Surrey



- e How much ... per week?
- f What ... do at the weekend?
- g How often ... holiday abroad?

T.11 Listen and check your answers.

2 Ask and answer the same questions with a partner.

Are you married?

No, I'm not.

3 John Smith's lifestyle doesn't seem very exciting.

- Why do you think he is so happy?
- Why is his wife less happy?
- Do you think men are generally happier than women in your country?

Fonte: (Soars; Soars, 1996, p. 16).

Como não bastasse o texto excludente e preconceituoso, o livro não traz sequer atividades que problematizem a ideia de felicidade e identidades eventualmente associadas a ela. Até porque não é esse o objetivo do texto. Sua função é apenas servir de pretexto para apresentar estruturas verbais no tempo presente, e as atividades que se seguem buscam eliciar tal formação verbal e praticá-la. As atividades que se propõem a serem personalizadas não problematizam tais questões e perpetuam as identidades privilegiadas no texto. A atividade 2 pede que os aprendizes indaguem uns aos outros sobre as mesmas identidades, pressupondo que todos delas compartilham, e conseqüentemente constringendo a construção de outras identidades. A atividade 3, que se propõe mais livre, limita-se a perguntar para os aprendizes por que eles acham que John Smith é tão feliz mesmo com um estilo de vida aparentemente chato, por que sua esposa é menos feliz que ele, e se homens são, em geral, mais felizes que mulheres em seu país – único momento em que o livro sai do etnocentrismo britânico e lembra, ainda que de forma superficial e insuficiente, que existem outros países. Não deixa entrever, contudo, que existem outras formas de felicidade distintas das descritas no livro.

Trabalhar com esse texto me marcou pelas questões identitárias que ele (não) aborda. É verdade que este não era o objetivo do material, como fica claro ao se analisar o sumário do livro, mostrado na Figura 2. A unidade 2, apesar de intitulada “*Happiness!*”, não demonstra um compromisso efetivo com a temática da felicidade. O sumário nem mesmo traz o texto analisado, sinalizando sua falta de relevância temática para a unidade, que tem objetivos lexicogramaticais claros: formas verbais do tempo presente, números e vocabulário referente a esportes e atividades de lazer. A proposta de discussão da unidade é outra, mas na mesma linha neoliberal e consumista: quer saber o que é importante na vida do aprendiz. Roupas? Viagens? O objetivo do material, portanto, nunca foi problematizar o conceito de felicidade ou ser indisciplinar no tratamento de identidades.

Mas, como mencionei anteriormente, esse texto foi o início da minha história como linguista aplicado e do meu interesse por identidades, especialmente as indisciplinadas. A seguir, sistematizo algumas reflexões sobre o conceito de identidade que vêm me orientando ao longo dos últimos anos. Ao final, apresento uma proposta de como eu mesmo, 20 anos depois, abordo a questão das identidades em um livro didático para o ensino de inglês de minha autoria.

Figura 2: Sumário

Unit	Grammar	Vocabulary	Postscript
1 What a wonderful world! p 6	Auxiliary verbs <i>do, be, have</i> Naming the tenses Questions and negatives Short answers	Sounds and spelling <i>meat great</i> <i>fi:l lei</i> Silent letters <i>knee /ni:/</i> p 12	Social expressions <i>Never mind!</i> <i>It's my round.</i> <i>You must be joking!</i> p 14
2 Happiness! p 15	Present time Present Simple and Continuous Action and state verbs <i>walk know</i> Present passive	Sports and leisure activities <i>play tennis</i> <i>go swimming</i> <i>do aerobics</i> p 22	Numbers Money, fractions, decimals, percentages, phone numbers, dates p 23
● Reading ● Speaking ● Listening ● Writing			
'Wonders of the modern world' p 10	Information gap – The life of a <i>Times</i> journalist p 9 Discussion – What's the most important invention? p 12	A group of people talk about their wonders of the modern world T.6 p 11	Correcting language mistakes in an informal letter Symbols for correction p 13
'Sister Wendy, TV star' – the nun who is also a TV star p 20	Discussion – What's important to you in life? Clothes? Travel? p 21 Talking about your favourite sports p 22	Three people talk about their favourite sport or leisure activity T.15 p 22	Descriptive writing (1) Describing a person Adverbs of degree <i>quite young</i> <i>rather attractive</i> p 22

Fonte: (Soars; Soars, 1996, p. 2-3).

2. Identidade: algumas reflexões sobre o conceito

Dentro de uma perspectiva socioconstrucionista (Moita Lopes, 2003), identidades sociais podem ser entendidas como formas pelas quais os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que vivem e pela qual percebem os outros em relação a eles próprios (Bradley, 1996), como a forma “como a pessoa entende sua relação com o mundo, como essa relação é construída ao longo do tempo e do espaço, e como a pessoa entende possibilidades para o futuro” (Norton, 2000, p. 5). Nesse sentido, Weeks (1990) enfatiza a ideia de identidade como o sentimento de pertencimento a um determinado grupo; é a identidade que define “o que você tem em comum com algumas pessoas e o que o torna diferente de outras” (Weeks, 1990, p.88). Os indivíduos, ao se engajarem em relações sociais, constroem identidades sociais, pois estas se referem “ao modo como nós, enquanto indivíduos, nos

posicionamos na sociedade em que vivemos e o modo como percebemos os outros nos posicionando. As identidades sociais provém das várias relações sociais que as pessoas vivem e nas quais se engajam” (Bradley, 1996, p. 24).

A visão socioconstrucionista acarreta, naturalmente, uma visão não-essencialista das identidades sociais. Isto quer dizer que não entendo as identidades sociais como definidas biologicamente ou fixas. “A identidade não é algo que encontremos, ou que tenhamos de uma vez e para sempre. Identidade é um processo” (Sarup, 1996, p. 28). As identidades sociais surgem em manifestações de discurso, pois “embora a identidade possa ser construída de diversas formas, ela é sempre construída no simbólico, ou seja, na linguagem” (Sarup, 1996, p. 48). É através do discurso que as pessoas constroem suas identidades sociais e se posicionam no mundo (Hall, 1990). As identidades sociais são construídas “no e através do discurso” (Sarup, 1996, p. 47); não são fixas e inerentes às pessoas; são construídas no discurso durante os processos de construção de significados e de alteridade: aquilo que dizemos em nossas práticas discursivas depende da forma como enxergamos o outro. Consequentemente, a forma como nos vemos no mundo social também depende da forma como enxergamos o outro e de como o outro nos enxerga (Volochinov, 1929 [2017]). Ao participarmos de uma prática discursiva, além de percebermos e considerarmos as identidades sociais dos participantes dessa prática, estamos também trabalhando na construção e reconstrução das identidades sociais destes participantes, assim como das nossas próprias.

Esta concepção de identidade rejeita o sujeito do Iluminismo, centrado e unificado, e baseia-se em um sujeito sociológico, que constrói identidade ao interagir com a sociedade, e em um sujeito pós-moderno, que não tem identidade fixa, essencial, permanente, pois ela é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 1992 [2003, p. 13]). E nesse contexto da pós-modernidade o discurso da globalização é um importante fator a ser considerado na construção de identidades, na medida em que nossas vidas podem ser facilmente afetadas por qualquer coisa que aconteça em qualquer lugar do mundo (Bauman, 1999b; Castells, 2010; Fridman, 2000; Giddens, 2002).

Identidades são construídas em interações sociais, dependem da existência do outro; não existem a priori nem sequer podem ser resgatadas (Mouffe, 2001). Ao contrário, são passíveis de constantes reconstruções e transformações em novas interações. Identidades não estão na condição de “ser”, mas de “estar”, ou, mais especificamente, de “performar” – que Cuche (1999) chama de “representar”. Sendo uma construção social, e não dada ou herdada biologicamente, ela se dá no âmbito da performance: identidades performam (ou “representam”, nas palavras de Cuche) a forma como os indivíduos se enxergam e enxergam uns aos outros no mundo.

O importante são as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões. (...) A construção da identidade se faz no interior de contextos sociais que determinam a posição dos agentes e por isso mesmo orientam suas representações e suas escolhas. (...) Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais (Cuche, 1999, p. 181-183).

Fazendo referencia a Wittgenstein, pode-se dizer que “é por meio da participação em jogos de linguagens diferentes que o mundo nos é revelado” (Moufee, 2001, p. 413). É através de interações discursivas situadas socialmente que os atores sociais constroem e reconstróem o mundo a sua volta.

Sendo construídas no discurso, as identidades sociais são, portanto, definidas com base em critérios culturais, históricos e institucionais. “A identidade é, de certa forma, um efeito das instituições sociais. (...) Todas as identidades, sejam baseadas em classe social, etnia, religião ou nação, são construtos sociais” (Sarup, 1996, p. 48). Identidades sociais assumem papéis diferentes em sociedades diferentes, pois cada sociedade tem seus padrões culturais para gênero, sexualidade, raça e demais identidades sociais.

Identidades sociais emergem das várias práticas sociais e/ou discursivas das quais os indivíduos fazem parte (raça, etnia, idade, classe social, gênero, sexualidade etc.). Segundo Louro (1997, p. 24), os sujeitos possuem “identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos – étnicos, sexuais, de classe, de gênero etc – constitui o sujeito”.

Essas múltiplas e distintas identidades constituem o sujeito, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais. Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência (Louro, 2000, p. 12).

Identidades sociais são fragmentadas na medida em que não podem ser homogeneizadas e definidas levando-se em consideração apenas uma de suas características. “Uma pessoa pobre não é só pobre, mas também homem ou mulher, heterossexual ou homossexual, preta ou branca, jovem ou velha” (Moita Lopes, 1998, p.309-310). Uma mesma pessoa possui múltiplas identidades, de acordo com seu gênero, raça, idade, classe social, estado civil, sexualidade, profissão etc.

De fato, os sujeitos são, ao mesmo tempo, homens ou mulheres, de determinada etnia, classe, sexualidade, nacionalidade; são participantes ou não de uma determinada confissão religiosa ou

de um partido político... Essas múltiplas identidades não podem, no entanto, ser percebidas como se fossem “camadas” que se sobrepõem umas às outras, como se o sujeito fosse se fazendo “somando-as” ou agregando-as. Em vez disso, é preciso notar que elas se interferem mutuamente, se articulam; podem ser contraditórias; provocam, enfim, diferentes “posições”. Essas distintas posições podem se mostrar conflitantes até mesmo para os próprios sujeitos, fazendo-os oscilar, deslizar entre elas – perceber-se de distintos modos (Louro, 1997, p. 51).

A fragmentação das identidades leva ao “desencaixe” (Giddens, 1990), um “eu jamais acabado” (Sennett, 1999), transitório (Bauman, 1998).

A identidade não se completa, depende do que está por vir. O desmantelamento e reconstrução pós-modernos agrega incerteza permanente e irreduzível à experiência de homens e mulheres contemporâneos. (...) A identidade é (...) um eu transitório sempre à cata de possibilidades inéditas, o que é o mesmo que apontar para uma personalidade pastiche que se compõe de nacos ou de um bricolage que traz o emblema de uma unidade sempre perseguida e nunca alcançada (Fridman, 2000, p. 82-83).

Identidades sociais também são contraditórias. Devido às relações de poder existentes na sociedade e à posição que cada pessoa ocupa em determinadas práticas sociais, duas ou mais identidades de uma mesma pessoa podem entrar em contradição. Moita Lopes (1999), com base em Mercer (1990), afirma que um mesmo homem pode ser um sindicalista e votar em um partido de direita, frequentar a igreja católica e um terreiro de macumba, ser casado com uma mulher e ter sexo casual com outros homens. Uma visão não-essencialista das identidades sociais pressupõe que identidades contraditórias coexistam em um mesmo indivíduo.

Identidades sociais ainda são fluidas (Bauman, 2003), ou seja, estão em constante construção e reconstrução, ocorrem em fluxo, de acordo com as práticas discursivas nas quais os sujeitos sociais se engajam. Segundo Louro (2000), as identidades sociais são transitórias porque “podem ser (...) provisoriamente atraentes e, depois, nos parecerem descartáveis; elas podem ser, então, rejeitadas e abandonadas. A identidade pós-moderna é flexível, dinâmica, aberta a bricolages, sincretismos, híbridos, ambivalências, porosidades (Mouffe, 2001; Soares, 2001), “às renegociações sucessivas e aos jogos complexos das micro e macropolíticas envolvidas” (Soares, 2001, p. 381). Ou, como diz Louro (2000, p. 12), “somos sujeitos de identidades transitórias e contingentes”.

As identidades pós-modernas são descentradas, deslocadas, fragmentadas, contraditórias,

empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (...) À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente (Hall, 1992 [2003, p.13]).

Como mencionado anteriormente, alinhada a essa perspectiva socioconstrucionista de identidade está a noção de identidade como performance. A partir da ideia de Austin de que todo ato de fala é um ato performativo (Austin, 1962 [1990]), Butler (1990 [2003]) constrói o argumento de que as identidades são construídas na performatividade – não teatralmente ou totalmente livres [performance], mas reguladas por condições sociais. Para ela, as identidades são constituídas performativamente por aquelas mesmas expressões naturalizadas pelo senso comum como sendo resultantes dessas identidades (Butler, 1990 [2003]). Nas palavras de Pennycook,

o performativo não apenas constitui [...] a identidade como um ato produtivo, mas o que constitui é o que é suposto ser. Esse processo de autoprodução não é, de modo algum, uma questão de escolha voluntária para assumir alguma forma de identidade ou outra, mas ocorre dentro de um "marco regulatório altamente rígido" ([Butler, 1990,] p. 33). As identidades são um produto de nossas performances contínuas de atos que são amplamente prescritos. (Pennycook, 2007, p. 70)

A identidade, portanto, é entendida como não dada, como socialmente e discursivamente construída nas performances. Não há uma essência do que seja uma determinada identidade.

Merece destaque, ainda, o papel das relações sociais de poder na construção e performance das identidades. Segundo Sarup (1996, p. 69), "o indivíduo, com sua identidade e características, é o produto das relações de poder às quais está sujeito". Toda e qualquer prática social e discursiva envolve relações de poder, determinando "quem tem poder e quem é excluído" (Woodward, 1997, p. 15). Uma vez que as identidades sociais surgem a partir das práticas sociais e discursivas dos atores sociais, possuir certas identidades sociais diferencia quem tem poder sobre quem. Identidades de etnia, de gênero, de classe e outras identidades sociais são construídas em contextos sociais, históricos e econômicos, sujeitos a relações de poder, que são reforçados e reproduzidos nas interações cotidianas. São essas identidades sociais múltiplas e imbricadas que implicam possibilidades de interação (Norton, 2000).

As três características inerentes às identidades sociais apontadas por Moita Lopes (2003, 2002, 1999) e descritas anteriormente – fragmentação, contradição e fluxo – implicam necessariamente que os sujeitos se posicionem

e sejam posicionados no mundo através das inúmeras práticas discursivas das quais fazem parte e as relações de poder a elas inerentes. Esse posicionamento pode ser de assujeitamento (os sujeitos “aceitam” as identidades sociais a eles impostas por determinadas práticas discursivas da sociedade e “submetem-se” às relações de poder) ou de agência, escolhendo posições de resistência mediante determinadas práticas discursivas e apesar de certas relações de poder impostas pela sociedade – o que Sarup (1996, p. 51) chama de “identidade política”.

Na mesma linha que Sarup (1996), Castells (1999, 2010) também reconhece a construção de identidades assujeitadas ou agentes, dependendo dos posicionamentos dos sujeitos no meio social. Castells (1999, 2010) identifica três formas e origens de construção de identidades: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto. Identidades legitimadoras são aquelas difundidas por instituições dominantes no intuito de perpetuar sua dominação. Por outro lado, identidades de resistência são aquelas que, como o próprio nome indica, tentam resistir às identidades legitimadoras. Finalmente, identidades de projeto são aquelas que vão além da simples resistência e parte para a construção de novas identidades. Enquanto identidades de resistência apenas negam identidades legitimadoras, identidades de projeto propõem novas que a substituam. A diferença que parece haver entre as classificações propostas por Castells (1999, 2010) e Sarup (1996) é o fato de o primeiro reconhecer dois níveis de resistência ao poder nas performances identitárias dos indivíduos.

Da mesma forma que as culturas das classes dominantes tendem a se impor sobre as demais manifestações culturais, identidades podem ser, e muitas vezes realmente são, formadas a partir de instituições dominantes (Castells, 1999, 2010), que podem reformular e até mesmo manipular identidades (Cuche, 1999). O direito à identidade, o poder de identificação, depende, e, alto grau, de posicionamentos sociais. Identidades, portanto, estão “em jogo nas lutas sociais” (Cuche, 1999, p.185), pois podem ser responsáveis por inclusão ou exclusão social. Segundo Bourdieu (1980), “somente os que dispõem de autoridade legítima, ou seja, de autoridade conferida pelo poder, podem impor suas próprias definições de si mesmos e dos outros” (Cuche, 1999, p. 186). A negação do direito à identidade pode levar à formação de hetero-identidades ou exo-identidades (Cuche, 1999):

Em uma situação de dominação caracterizada, a hetero-identidade ou exo-identidade se traduz pela estigmatização dos grupos minoritários. Ela leva freqüentemente neste caso ao que chamamos de uma “identidade negativa”. Definidos como diferentes em relação à referência que os majoritários constituem, os minoritários reconhecem para si apenas uma diferença negativa. Também pode-se ver entre eles o desenvolvimento dos fenômenos de desprezo por si mesmos.

Estes fenômenos são freqüentes entre os dominados e são ligados à aceitação e à interiorização de uma imagem de si mesmos construída pelos outros. A identidade negativa aparece então como uma identidade vergonhosa e rejeitada em maior ou menor grau, o que se traduzirá muitas vezes como uma tentativa para eliminar, na medida do possível, os sinais exteriores da diferença negativa (Cuche, 1999, p.185).

Tomados em uma perspectiva interacional, socioconstrucionista e plural, os conceitos de identidade e cultura podem vir a se sobrepor em alguns momentos, uma vez que as mesmas categorizações que podem definir identidades (classe social, idade, raça, profissão, gênero, sexualidade, origem etc.) também podem definir culturas (entendidas como práticas culturais, e não como Cultura canônica e hegemônica). No entanto, “participar de certa cultura particular não implica automaticamente ter certa identidade particular” (Barth, 1969 apud Cuche, 1999, p. 200-201), pois certos traços culturais fazem parte da identidade, mas dificilmente uma identidade engloba todos os aspectos de uma cultura (tomada aqui no seu sentido totalizante). Os indivíduos buscam recursos em diversas culturas, principalmente no mundo globalizado atual, na construção de suas identidades; “uma mesma cultura pode ser instrumentalizada de modo diferente e até oposto nas diversas estratégias de identificação” (Cuche, 1999, p.201). Por outro lado, “estratégias de identidade podem manipular e até modificar uma cultura” (Cuche, 1999, p.176).

Acredito que a visão de cultura como fonte de construção de identidade fique clara na definição de Castells (1999, p. 22):

entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(ais) prevalece(m) sobre outras fontes de significado. Para um determinado indivíduo (...) [há] identidades múltiplas. No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social.

Vários autores utilizam o conceito de identidade cultural (Cuche, 1999; Hall, 1992 [2003]). A identidade cultural é um dos componentes da identidade social, o responsável pela vinculação cultural. Segundo Cuche (1999, p.177), a identidade social

exprime a resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.

Ao passarem a identificar um grupo, e não apenas cada indivíduo separadamente, e distinguir um grupo – e seus membros – dos demais grupos, identidades sociais assumem o caráter de identidades culturais. Nesse sentido, a identidade cultural é um dos componentes da identidade social, baseada na diferença cultural (Cucho, 1999). Diferentes identidades culturais de diferentes culturas são absorvidas por um indivíduo e tornam-se partes de suas identidades sociais. Enquanto a cultura existe no âmbito dos processos inconscientes, sem consciência de identidade, a identidade cultural “remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas” (Cucho, 1999, p.176).

Identidades culturais, enquanto parte integrante das identidades sociais, também são múltiplas, fragmentadas, contraditórias e fluidas. O não entendimento dessa natureza pode acarretar nas visões essencialistas de identidade nacional e cultura nacional.

O Estado moderno tende à monoidentificação, seja por reconhecer apenas uma identidade cultural para definir a identidade nacional (...), seja por definir uma identidade de referência, a única verdadeiramente legítima (...), apesar de admitir um certo pluralismo cultural no interior de sua nação. A ideologia nacionalista é uma ideologia de exclusão das diferenças culturais (Cucho, 1999, p.188).

A chamada “cultura nacional” é uma das principais fontes de identidade cultural, pois uma nação é uma comunidade simbólica, um sistema de representação cultural (Hall, 1992 [2003]). Ela é fonte de significados culturais, um foco de identificação, um sistema de representação. Na verdade, podemos dizer que a cultura nacional é uma comunidade imaginada com base em memórias do passado e no desejo de viver em conjunto e perpetuar sua herança cultural. O conceito de cultura nacional nada mais é do que uma tentativa de unificar seus membros em uma identidade cultural única, ignorando suas diferenças culturais provenientes das diferentes práticas discursivas e sociais às quais pertencem (classe, gênero, idade, família, profissão etc.), “para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (Hall, 1992 [2003, p.59]).

A identidade cultural, portanto, é “tanto o local quanto o objeto de lutas políticas” (Mouffe, 2001, p.421), o lugar por lutas hegemônicas. Uma cultura nacional é apenas uma comunidade imaginada, e o nacionalismo é politicamente construído. É preciso questionar por quem e para quê essa identidade é construída (Castells, 1999). Costuma-se colocar ênfase na tradição, ou na “invenção da tradição”, quando se faz questão de passar uma certa imagem não necessariamente verdadeira. Seu objetivo é restaurar identidades passadas e

mover-se em direção ao futuro (Hall, 1992 [2003]). Afinal, não se pode esquecer que a cultura nacional é uma construção discursiva.

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos (...). As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (Hall, 1992 [2003, p.51]).

Não se trata de ignorar o conceito de cultura nacional, pois não se pode negar que um certo grau de totalidade existe. Diferentes comunidades dentro de uma mesma nação normalmente compartilham de um sentimento de pertencimento ao Estado-nação, através de “instituições culturais, sociais, econômicas e políticas que influencia[m] os cidadãos ao longo de toda sua vida” (Cappello, 2001, p.117). No entanto, não podemos pensar na existência de uma cultura nacional unificada, uma vez que tal unidade não abre espaço para as diferenças. E ignorar as diferenças pode ser entendido como uma forma de exercício de poder. “Em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade (...) através do exercício de diferentes formas de poder cultural.” (Hall, 1992 [2003, p.62])

A diversidade existe, mas uma certa unidade também. O recorte dado à análise da cultura pode ser em diferentes níveis e escalas (continental, nacional, regional, local etc.), dependendo do tipo de reflexão e análise que se intencione fazer (Cesnik; Beltrame, 2005). Na tentativa de conciliar a inegável diversidade com a também inegável identidade surgiu a idéia de multiculturalismo. O multiculturalismo é, na verdade, um argumento em favor da diversidade, enraizado em uma demanda de singularidade integral (Calhoun, 2001, p.200).

As perspectivas multiculturalistas (...) descrevem com uma frequência surpreendente o relacionamento entre identidades (...) diferentes. Quer dizer, oferecem sugestões sobre modos de convivência possíveis na mesma sociedade entre pessoas de diferentes cores, religiões, etnias ou orientação sexual. Mas tomam como pressuposto que essas etiquetas definem os grupos sociais significativos, que os membros desses grupos aceitam a preponderância de uma única etiqueta para as suas identidades e, ainda, que essas identidades estão relativamente consolidadas (Calhoun, 2001, p.204).

Ou seja, é preciso olhar com cuidado para o conceito de multiculturalismo. Se por um lado ele parece abarcar a diversidade cultural e identitária, por outro

ele perpetua as desigualdades, pois reconhece a pluralidade dentro de uma convivência pacífica, sem conflitos, assujeitadas a culturas e identidades hegemônicas dominantes (Mattelart, 2005).

Culturas nacionais nunca poderiam ser unificadas, uma vez que as nações pós-modernas são, todas, híbridos culturais, graças aos processos de globalização (Hall, 1992 [2003]). “A “globalização” se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras regionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado”. (Hall, 1992 [2003, p.67])

Uma das principais características da globalização é a compressão tempo-espaço, com o desaparecimento das fronteiras (Bauman, 1999b; Castells, 1999; Cesnik; Beltrame, 2005; Fridman, 2000; Giddens, 2002; Hall, 1992 [2003]; Harvey, 1992; Kumaravadivelu, 2004), em que as distâncias estão mais curtas e os acontecimentos impactam mais rapidamente sobre todo o mundo. Essa compressão tempo-espaço afeta diretamente as identidades na medida em que estas são performances localizadas no espaço e no tempo simbólicos (Hall, 1992 [2003]).

Uma das consequências da globalização é a desintegração das identidades nacionais, ao mesmo tempo em que as identidades locais são reforçadas, e o conseqüente surgimento de identidades híbridas (Hall, 2003; Kumaravadivelu, 2004). Uma vez que identificações globais se deslocam por todo o mundo, não há identidade nacional unificada e fixa que não seja superada ou até mesmo apagada.

Na tensão entre o global e o local, que vão sempre coexistir (Bauman, 1999b; Castells, 1999; Damatta, 2001; Hall, 1992 [2003]; Kumaravadivelu, 2004; Robertson, 1992, 2001), as identidades são transformadas. A globalização propõe, concomitantemente, a difusão e a aculturação (Damatta, 2001); significados podem ser transpostos além-fronteiras ou redefinidos localmente. Identidades mais locais ou mais globais dependem dos meios econômicos (Bauman, 1999a). Ser globalizador ou globalizado é uma questão de poder: enquanto algumas sociedades têm o poder de globalizar sua cultura, outras são “vítimas” dessa globalização, em maior grau, quando são “engolidas” pela globalização, ou em menor grau, quando conseguem re-articular o global e transformá-lo em local. A globalização da cultura pode, entretanto, provocar reações contrárias, tais como: desprezo, aversão e xenofobia à hegemonia (Cesnik; Beltrame, 2005).

A globalização produz, simultaneamente, novas identificações globais e novas identificações locais (Hall, 1992 [2003]). A globalização pode levar ao fortalecimento de identidades locais, provocando reações defensivas de “entricheiramento” para autopreservação de suas fontes de identidade (Castells, 1999), ou à produção de novas identidades, que articulem o global e o local. “A

vivência global é, e sempre foi, relativizada pela experiência local” (Cesnik; Beltrame, 2005, p. XXIII). Global e local se confundem, o que levou Robertson (1992) a cunhar o termo glocalização. O que para alguns é globalização, para outros é localização (Bauman, 1999a). Algumas mudanças globais requerem soluções locais (Rajagopalan, 2004). “A globalização não somente puxa para cima, mas também empurra para baixo, criando novas pressões por autonomia local. (...) A globalização pressiona também para os lados. Cria novas zonas econômicas e culturais dentro e através das nações”. (Giddens, 2002, p.23)

A globalização contribui para a intensificação de relações sociais em escala mundial, possibilitando que acontecimentos locais sejam modelados por eventos que ocorrem a milhares de quilômetros de distância (Fridman, 2000). O reverso também é verdadeiro: da mesma forma que “atividades locais são influenciadas, e às vezes até determinadas, por acontecimentos ou organismos distantes” (Giddens, 1997b, p.74), ações cotidianas também podem produzir consequências globais” (Fridman, 2000).

A globalização requer a análise imediata da inter-relação entre os níveis local e global, vistos como um processo vivo que mutuamente se influenciam. O local não é mero receptor dos efeitos produzidos em contexto alheio, mas único fornecedor ao que ocorre no plano mundial. Dessa forma, reforçar os atributos de um fenômeno local inserido no contexto mundial não é ir contra os andamentos da globalização e sim, dar sentido a ela (Cesnik; Beltrame, 2005, p.15).

A mesma compressão tempo-espço que diminui distâncias e faz fronteiras desaparecerem proporciona efeitos opostos. Por um lado, a interconectividade leva à difusão de diferentes conhecimentos, contribuindo para uma maior heterogeneização do mundo. Por outro lado, ao se considerar os efeitos reais da globalização, o que parece estar havendo é uma homogeneização do mundo, mais especificamente uma ocidentalização, e mais especificamente uma americanização, já que essa globalização “carrega a forte marca do poder político e econômico americano” (Giddens, 2002, p.15). Ainda assim, as sociedades da periferia estão abertas às influências culturais do centro, o ocidente, “embora num ritmo mais lento e desigual” (Hall, 1992 [2003, p.80]).

Mais especificamente, a globalização pode ainda eventualmente ser comparada a uma mcdonaldização da sociedade (Ritzer, 1995), uma vez que o chamado conhecimento globalizado parece referir-se primordialmente ao mundo consumista norte-americano (Giddens, 2002; Kumaravadivelu, 2004). A chamada aldeia global, na verdade uma comunidade imaginada (Anderson, 1983), seria, na realidade, os Estados Unidos – país falante de inglês.

3. Palavras finais

Retomo aqui o início do texto, quando narrei uma experiência como professor de inglês. Meu incômodo com o livro didático se deu porque este, ao ensinar inglês, considerado o idioma da globalização, não adotava uma perspectiva integradora; ao contrário, o livro era excludente e segregador. Identidades hegemônicas eram privilegiadas, atrelando-se a ideia de felicidade ao poderio econômico e ao ideal de uma família tradicional heteronormativa. Não havia espaço para identidades de resistência ou de projeto, e um suposto modelo cultural britânico, canônico e único, era veiculado como condição sine qua non para a felicidade.

Quase 20 anos depois de ter trabalhado pela primeira vez com aquele livro didático e aquele texto, tive a oportunidade de me tornar autor de livros didáticos. Em uma das coleções, optei por organizar os volumes tematicamente. Cada livro da coleção foi pensado com base em uma determinada temática, à qual todas as unidades do volume se referem, criando um todo coerente para o livro e indicando uma progressão temática não apenas dentro do volume, mas também ao longo da coleção. Cada volume é dividido em quatro unidades, cujos temas remetem ao tema norteador do volume de forma progressiva, considerando-se um fluxo do nível micro para o macro. Assim, o volume 1, que trata de identidades, explora os temas autobiografia, corpo e mente, identidade cultural e identidade e diferença. O volume, portanto, começa centrado nos estudantes individualmente, por meio de discussões mais familiares, e passa para questões sociais mais amplas, como ambientes sociais, históricos e culturais nos quais estão envolvidos, que podem não atingi-los diretamente, mas que certamente os afetam.

Tomando especificamente, como exemplo, a unidade 1 do volume 1, “*Autobiography*” (“Autobiografia”), meu objetivo foi tentar colocar em prática todas as minhas leituras e reflexões sobre o conceito de identidade e realmente explorar questões identitárias como pontos de partida e fim da unidade, utilizando recursos linguísticos como meios – diferentemente do material anterior, que tratava de identidades de maneira apenas superficial, como pretexto para trabalhar as questões linguísticas que eram o objetivo fim do ensino. A Figura 3 sintetiza os principais pontos da unidade.

Figura 3: Unidade 1 - *Autobiography*

1 Autobiography	
Eixo temático	Possibilitar novas formas de se conhecer e de se perceber no mundo por meio da compreensão da multiplicidade de identidades sociais construídas e desempenhadas.
Desenvolvimento textual-discursivo	<i>Gêneros incluídos:</i> pintura, diário, autobiografia, <i>selfie</i> , letra de música, <i>blog</i> , poema, perfil de rede social, biografia, artigo, entrada de enciclopédia digital. <i>Estratégias de leitura:</i> ativação de conhecimento prévio, previsão, <i>skimming</i> , <i>scanning</i> , análise/inferência de vocabulário.
Desenvolvimento linguístico	<i>Objetivos funcionais:</i> descrever características e atributos; apresentar-se; conceituar e falar sobre família; expressar fatos e hábitos pessoais; descrever ações atemporais e/ou em progresso. <i>Conhecimentos lexicais:</i> família, personalidade, estilos de aprendizagem. <i>Conhecimento estrutural:</i> descrever características e atributos; expressar o tempo presente por meio da exposição de fatos e hábitos, além de eventos atemporais ou em progresso.
Transversalidade	Vida familiar e social, diversidade cultural, sexualidade e gênero, condição e direito dos idosos, trabalho
Interdisciplinaridade	Ciências Humanas, Linguagens

Fonte: (Tilio, 2016, p. 215)

A unidade em questão tem como objetivo estabelecer uma relação entre narrativas e a construção de identidades, partindo de uma abordagem de tipos de autonarrativa desde os gêneros mais clássicos, como a autobiografia e o diário, até os mais contemporâneos, como o blog e a *selfie*, contemplando, também, narrativas fictícias. A proposta da unidade alinha-se com Bruner (2003), ao relacionar a narrativa à(s) identidade(s), explicitando que toda narrativa, inclusive a ficcional, constrói o mundo real, expressa ideias presentes em convenções do cotidiano, é uma forma de a mente dar sentido ao mundo e, finalmente, uma maneira de construir identidades. É importante ressaltar que não se compreende a existência de um eu em essência que deve ser descoberto e significado em palavras, mas sim que o ser humano constantemente constrói e reconstrói seus “si mesmos” de acordo com as situações em que se encontra, justificando, assim, a escolha pelo trabalho com narrativas, já que “contar uma história a nós mesmos é como criar uma história sobre quem e o que somos, o que aconteceu e por que estamos fazendo o que estamos fazendo” (Bruner, 2003, p.64).

Para explorar as diversas identidades por um viés narrativo, a unidade busca trazer diferentes vozes de culturas, experiências, nacionalidades, idades e gêneros diversificados a fim de explorar os elementos que influenciaram essas

autonarrativas e que podem motivar a (re)construção das identidades dos estudantes, além de incentivá-los a conhecer mais sobre as personalidades presentes nas seções. Por isso, busca-se trazê-las em diferentes momentos da unidade para permitir um olhar mais amplo e heterogêneo sobre seus papéis sociais.

Por fim, espera-se que os estudantes tenham a possibilidade de se conhecer melhor ao se narrar em diferentes momentos da unidade, assumindo papéis sociais diversos e, dessa forma, compreendendo melhor a multiplicidade das identidades por meio da narrativa.

Com essa unidade, espero possibilitar ao aprendiz, por meio do ensino da língua inglesa, o entendimento e a discussão de diferentes práticas identitárias. O objetivo do ensino de inglês como o idioma da globalização é o de inclusão, possibilitando o acesso e a inserção dos não-falantes-de-inglês-como-primeira-língua ao mundo globalizado. Nesse sentido, o ensino precisa contemplar diferenças e diversidades identitárias e culturais inerentes a diferentes populações, e não apenas as de países em que o inglês é a língua materna – especialmente porque a maioria dos usuários da língua inglesa não se encontra nos países em que o inglês é aprendido como primeira língua (Graddol, 2006; Crystal, 2003; Kachru, 1985). Esse grande número de usuários, aliás, contribui para a inevitável transformação da língua. Se, por outro lado, o ensino ignora essas transformações e tenta simplesmente reproduzir e impor uma variante supostamente pura do idioma, falada pelos falantes da esfera mais interna, e identidades supostamente a eles atreladas, não há inclusão ou globalização, apenas exclusão e segregação. Nesse caso, reduz-se a globalização à difusão das identidades e dos interesses (socioeconômicos e culturais) do pequeno círculo de falantes nativos de inglês, e o conhecimento e as identidades produzidos no restante do mundo, via esse inglês transformado, são negados e não reconhecidos por esse pequeno grupo.

Referências

- ABBUD, S. Cultura, culturas e ensino de línguas estrangeiras. *Revista Interfaces*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 5, p. 45-56, out. 1998.
- ANDERSON, B. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. Verso: London, New York: Verso, 1983.
- AUSTIN, J. [1962] *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BARTH, F. Lês groups ethniques et leurs frontières. In: POUTIGNAT, S. F. *Théories de l'ethnicité*, Paris: PUF, p. 203-249, 1969.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999a.
- BAUMAN, Z. *Modernidade e ambivalência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999b.

- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.
- BRADLEY, H. *Fractured identities*. Cambridge: Polity Press, 1996.
- BRUNER, J. *Making stories: law, literature, life*. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- BUTLER, J. [1990] *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALHOUN, C. Multiculturalismo e nacionalismo, ou por que sentir-se em casa não substitui o espaço público. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 200-228.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CESNIK, F. S.; BELTRAME, P. A. *Globalização da cultura*. Barueri: Manole, 2005.
- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity: rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- CLIFFORD, J. *The predicament of culture*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1998.
- CRYSTAL, D. *English as a global language*. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- CUCHE, D. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: Edusc, 1999.
- DAMATTA, R. Globalização e identidade nacional: considerações a partir da experiência brasileira. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 168-181.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FRIDMAN, M. *Vertigens pós-modernas: configurações institucionais contemporâneas*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.
- GIDDENS, A. *Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- GIDDENS, A. Risco, confiança, reflexividade. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: UNESP, 1997a. p. 219-234.
- GIDDENS, A. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, A.; BECK, U.; LASH, S. *Modernização reflexiva*. São Paulo: UNESP, 1997b. p. 73-133.
- GIDDENS, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1990.
- GRADDOL, D. *English next*. London: British Council. 2006.
- HALL, S. [1992]. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Language, context and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- JAMESON, F. *Pós-modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1996.
- KACHRU, B. Standards, codification and sociolinguistic realism: the English language in the outer circle. In: QUIRK, R.; WIDDOWSON, H. (Eds.). *English in the world: teaching and learning the language and literatures*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 11-30.
- KRAMSCH, C. *Language and culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.

- KRAMSCH, C. The cultural discourse of foreign language textbooks. In: SINGERMAN, A. (Ed.). *Toward a new integration of language and culture*. Middlebury, VT: Northeast Conference on the Teaching of Foreign Languages, 1988. p. 63-88.
- KUMARAVADIVELU, B. Applied linguistics in the global age: a postmodern / postcolonial perspective. São Paulo: PUC/SP, 13 de outubro de 2004. Conferência apresentada no VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada.
- LACLAU, E. *New reflections on the resolution of our time*. Londres: Verso, 1990.
- LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 7-34.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MATTELART, A. *Diversidade cultural e mundialização*. São Paulo: Parábola, 2005.
- MERCER, K. Welcome to the jungle: identity and diversity in postmodern politics. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). *Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 43-71.
- MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada (IN)diisciplinar*. São Paulo: Parábola editorial, 2006.
- MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.
- MOITA LOPES, L. P. *Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- MOITA LOPES, L. P. Stories through which we are woven: constructing masculinity in the language classroom. Tokyo, mimeo, 1999. Trabalho apresentado no XII World Congress of Applied Linguistics.
- MOITA LOPES, L. P. Discursos de identidade em sala de aula de leitura de L1: a construção da diferença. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 303-330.
- MOUFFE, C. Identidade democrática e política pluralista. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 410-430.
- NORTON, B. *Identity and language learning: gender, ethnicity and educational change*. London: Pearson Education, 2000.
- NORTON, B; TOOHEY, K. Identity and language learning. In: KAPLAN, R. (Ed.). *The Oxford handbook of Applied Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 115-123.
- PENNYCOOK, A. *Global Englishes and transcultural flows*. London: Routledge, 2007.
- RAJAGOPALAN, K. O discurso da Linguística Aplicada e a construção da identidade do pesquisador. São Paulo: PUC/SP, 11 de outubro de 2004. Conferência apresentada no VII Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada.
- RITZER, G. *The macdonaldization of society*. Thousand Oaks: Pine Forge, 1995.
- ROBERTS, C. et al. *Language learners as ethnographers*. Clevedon: Multilingual Matters, 2001.

- ROBERTSON, R. Valores e globalização: comunitarismo e globalidade. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 76-102.
- ROBERTSON, R. *Globalization: social theory and global culture*. London: Sage, 1992.
- SARUP, M. *Identity, culture and the postmodern world*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.
- SENNETT, R. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- SOARES, L. E. Globalização como deslocamento de relações intraculturais. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 379-409. p. 379-409.
- SOARS, J.; SOARS, L. *New Headway English Course Intermediate*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- SOUZA SANTOS, B. Os processos da globalização. In: SANTOS, B. S. (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-102.
- SWALES, J. *Genre analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- TILIO, R. *Voices plus 1*. Manual do professor. São Paulo: Richmond, 2016.
- VELHO, O. Globalização: objeto, perspectiva, horizonte. In: MENDES, C.; SOARES, L. E. (Eds.). *Pluralismo cultural, identidade e globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- VICENTINI, L.; ZANARDI, J. Entrevista com Roxane Rojo, professora do Departamento de Linguística Aplicada da UNICAMP. *Palimpsesto*, Rio de Janeiro, n. 21, jul.-dez. 2015. p.329-339. Disponível em: <<http://www.pgletas.uerj.br/palimpsesto/num21/entrevista/Palimpsesto21entrevista01.pdf>>. Acesso em 30 de março de 2018.
- VOLOCHINOV, V. [1929]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- WEEKS, J. The value of difference. In: RUTHERFORD, J. (Ed.). *Identity: community, culture, difference*. London: Lawrence & Wishart, 1990. p. 88-100.
- WOODWARD, K. Concepts of identity and difference. In: WOODWARD, K. (Ed.). *Identity and difference*. London: Sage, 1997. p. 1-61.